

A ANÁLISE FÍLMICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA E LITERATURA E GEOGRAFIA POLÍTICA: A PRÁTICA CURRICULAR DE CURSO NA INTERFACE ENTRE ENSINO SUPERIOR E MÉDIO

Prof. Msc. Marcos Augusto Marques Ataidés
Universidade Estadual de Goiás – CCSEH/UEG
ataidesmarcos@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Arlete Mendes Silva
Universidade Estadual de Goiás – CCSEH/UEG
arlete.mendes@ueg.br

Resumo

O presente trabalho é fruto da experiência da utilização de filmes em salas de aula, tanto no ensino básico como superior. Essa proposta metodológica se deu da necessidade de ampliar possibilidades de leitura e apreensão da realidade vivida em tempos atuais. Este recurso é uma proposta a mais para a compreensão e reflexão de conteúdos geográficos. A interdisciplinaridade entre Geografia, Literatura e Política foram as disciplinas basilares nessa experiência metodológica. Por meio na análise fílmica, pode-se perceber importante elemento de análise acadêmica e sua posterior utilização nas aulas de estágios e prática curricular de curso. A partir das aulas ministradas pelos Professores de Geografia e Literatura e Geografia Política no Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, percebeu-se a importância da junção conteúdo – reflexão – prática interligando disciplinas da matriz curricular do Curso de Graduação de geografia com as atividades do Estágio Supervisionado no terceiro e quarto ano do Curso, bem como o elo que a prática curricular de curso tem nesse processo. Aqui está a importante contribuição desse trabalho: vislumbrar, na prática, a proposta de aplicação da Prática Curricular de Curso (PCC) exigida como componente importante da matriz curricular do Curso de Geografia para formação de Professores. O que se estuda na universidade (ensino superior) é colocado em prática no Estágio Supervisionado e em Programas como o PIBID (ensino médio). Foram os relatos dos estagiários sobre suas experiências que conduziu tal metodologia. Os alunos perceberam que eram poucos os Professores de geografia de Goiânia e Anápolis que utilizavam filmes como subsídio no processo de ensino aprendizagem de conteúdos geográficos.

Palavras – Chave: Análise fílmica – Prática Curricular de Curso – Interdisciplinaridade

Introdução

A Prática como Componente Curricular (Parecer CNE/CP 009/2001) tornou-se uma exigência nas matrizes curriculares dos Cursos de Licenciatura em nível nacional. A compreensão da Prática Curricular de Curso (PCC) não foi tarefa de fácil assimilação pelos professores das licenciaturas. Várias foram as tentativas metodológicas ao longo e quase vinte anos de adequação dessa diretriz. O principal objetivo da PCC é permitir a inserção entre os conteúdos que permeiam a educação

superior e a educação básica. A partir desse pressuposto a utilização de filmes como recurso audiovisual nas aulas de Geografia, vem se tornando uma estratégia importante para efetivas a PCC nos cursos de graduação / licenciaturas.

Nessa perspectiva surgiu a intensão de desenvolver trabalhos referentes a filmes que, de alguma forma, tivessem relação com os conteúdos geográficos ensinados nos conteúdos da educação básica. A interdisciplinaridade se faz presente e marca a importância de lançar “olhares” mais amplos sobre determinado elemento ou objeto de estudo geográfico. A integração entre duas ou mais disciplinas tem favorecido a inserção dessa ferramenta de ensino, a análise fílmica.

A constatação que o uso de filmes nas escolas do ensino básico, principalmente nas aulas de Geografia não fazem parte da realidade da maioria dos professores que atuam nessa fase foi constatada pelos alunos estagiários desses professores e dessas escolas (Escolas Públicas Estaduais de Goiás). Por outro lado, também é possível verificar que o recurso da análise fílmica não se constitui numa constante também nas salas de aulas das universidades. Embora vivamos em um momento que a imagem torna-se constância elemento de percepção, aprendizagem e reprodução social das mais diferentes formas e processos.

Nesse “mundo” globalizado e globalizante a imagem tem conduzido gerações ao delírio, a alienação e a prostração política e social produzindo “narcisismos” individuais e coletivos entre os jovens, principalmente. Uma juventude que usa e abusa de imagens, mas que muitas vezes não preocupa em entender e decodificar o significado delas e as mensagens subliminares ou não que podem estar (e estão, na maioria) agregadas a essa.

Jamais se negaria o acesso à cultura, nem aos seus signos, significados e significantes, para a comunidade acadêmica das universidades, nem minimizaria seu valor. O que preocupa é a forma (fílmica) com conteúdo plagiado de realidade que aliena e obstrui a construção “real”, cotidiana e experiencial dos alunos/ dos jovens nessa sociedade dita pós – moderna. Nessa linha de pensamento, a debate e a reflexão pedagógica contida nos filmes torna-se essencial na formação crítica dos novos professores.

A utilização de filmes com o intuito didático pedagógico é uma das necessidades essenciais em todos os níveis de ensino. A compreensão da linguagem cinematográfica se não for dialeticamente apreendida nas universidades, o hiato entre a compreensão dos filmes e suas mensagens ficará restrito como é atualmente a um pequeno número de pessoas, distantes da realidade educacional (e sociocultural).

Para Santos e Silva (2012, p.77) a linguagem cinematográfica não é compreendida em uma perspectiva crítica se essa não for ensinada:

Ensinar a linguagem cinematográfica e os elementos que compõem a obra fílmica, conjugados com uma perspectiva crítica que vê o filme não só como entretenimento, mas também como obra estética permeada de sentido social, político e ideológico, parece ser uma das mais importantes estratégias ligadas à relação cinema-educação no espaço escolar ou seja, propiciar uma perspectiva mais filosófica do que contemplativa e permite maior fruição estética do filme, forma o espectador crítico capaz de perceber os nexos do real, presentes na obra fílmica, rompendo com a deseducação do olhar e com a banalização da imagem, geralmente presa aos filmes mais comerciais e dependentes de uma forma televisiva do filme

A partir dessas reflexões e considerações, constata-se que uma grande parte dos acadêmicos do curso de Geografia ainda não viam no cinema uma forma de propiciar aprendizagens ligadas ao ensino da Geografia. Isso nem na academia e nem no ensino fundamental e médio.

Verificou-se, também, que na rede pública de ensino, essa possibilidade de aprender por filmes é pouco utilizada. Por tais “achados” por meio da prática da docência acadêmica, desenvolveu-se, por meio da prática curricular de curso, formas distintas de compreensão da linguagem cinematográfica.

A prática social (?) do Cinema: uma compreensão preliminar

O Cinema tem se tornado, nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI, uma importante fonte de informação sobre a sociedade contemporânea. A dimensão artística dessa manifestação cultural e suas representações vêm se tornando constantemente objeto de estudo para vários ramos das ciências, entre elas a sociologia.

A sociologia do cinema vem se desenvolvendo desde o final da Segunda Guerra Mundial. Além da contribuição da Escola de Frankfurt, Sorlin (1987), Turner (1997) entre outros, há uma retomada na ampliação e renovação da sociologia do cinema.

Para Santana (2012) a contribuição da sociologia na análise dos filmes está relacionada à compreensão das múltiplas faces desse objeto / fenômeno cinematográfico com ênfase sociocultural, bem como a manifestação de valores contidos nessas obras¹.

(...) No intuito de situar o observador contextualmente no universo onde se relacionam criador, obra, receptor, estrutura social e jogo de interesses entre os envolvidos no campo, ela arma um panorama capaz de identificar seus atores sociais numa dinâmica onde suas atuações definem ao mesmo tempo os rumos de futuros projetos, aqueles em andamento e os efeitos multidimensionais que provoca sobre a sociedade (SANTANA, 2012, p.2)

Os principais filmes produzidos pela indústria cinematográfica tem nos Estados Unidos da América seu principal representante. O montante de filmes produzidos nesse país ultrapassa qualquer outro. Dos cem filmes mais lucrativos da história do cinema, todos estadunidense. Lembrando que o recorde continua com a produção cinematográfica de 1997, “Titanic” que faturou U\$\$ 600 milhões de dólares.

(...) Um filme de Hollywood já não é mais somente um filme, mas também um item da programação de televisão ou um disco óptico digital. Ele também pode se tornar um álbum com a trilha sonora original ou um videogame, enquanto seus personagens ou logotipos podem ser licenciados para usos em *merchandising* e parcerias promocionais como, por exemplo, em brinquedos e itens de vestuário e alimentícios. Tudo isso sugere que o filme de Hollywood é hoje um produto disperso e fragmentado, assumindo tantas formas que o filme em si desaparece (MCDONALD e WASKO, 2007, p.5).

Nessa perspectiva, a produção de um filme é um grande investimento no qual os lucros são ampliados pelos produtos que surgem desse, do “capital cinematográfico”. Segundo Viana (2012) o produto do desenvolvimento histórico do capitalismo e que controla a maior parte da produção cinematográfica. Outro aspecto que se vincula nessa lógica de acumulação é a relação dos valores axiológicos² contidos nas mensagens implícitas nesses filmes. As histórias neles contidas são, geralmente, enfoques sociais, culturais, econômicos, históricos da sociedade estadunidense que desencadeia interesses socioculturais, econômicos e geopolíticos múltiplos levando esse seguimento a uma projeção mundial.

¹ A sociologia do cinema sempre abordou a questão da cultura e das mensagens repassadas pelos filmes (SORLIN, 1987; TURNER, 1997), embora sem maiores preocupações tem-se formas teórico-metodológicas que vem sendo enfatizado recentemente (SANTANA, 2012; VIANA, 2012).

² Nildo Viana (2012) apresenta diversos sentidos que a axiologia tomou historicamente, sendo que ele utiliza tal termo transformando-o de um construto em conceito (enquanto expressão da realidade, conforme Marx, já que não é possível separar o conceito da realidade). Nesse sentido, como ponto de partida para se transformar de definição para concepção, a axiologia para Viana (2007) é “o padrão dominante de valores numa determinada sociedade” (idem, p. 33).

(...) Um filme é uma produção coletiva (da equipe de produção) que possui caráter ficcional e que repassa uma mensagem (valores, concepções, sentimentos) através de meios tecnológicos de reprodução (o cinematógrafo) que, por sua vez produzem imagens, diálogos, acontecimentos, possibilitando a montagem. Um filme é constituído socialmente, isto é, sua mensagem, a sua forma, é um produto social, de uma determinada época e lugar, de determinados produtores (VIANA, 2012, p.19).

A escolha dos filmes: alguns procedimentos metodológicos

A escolha dos filmes para serem trabalhados nas disciplinas de Geografia e Literatura, Geografia Política e Geopolítica, teve como princípio a escolha de filmes que fossem originários de obras literárias, com temáticas relacionadas a conteúdos do Ensino Médio. Mesmo nessa perspectiva de empiricizar tal ferramenta de ensino não foi tarefa fácil de realizar.

Os acadêmicos trouxeram a demanda proposta a partir das necessidades na prática do estágio. Dentre essas “prioridades” coletadas a questão do Estado e do Terrorismo foram temas abordados com maior evidência. Com base nas aulas ministradas pelos estagiários de Geografia e pelos conteúdos da disciplina Geografia Política, identificou-se a obra dos filmes Policarpo Quaresma, o herói do Brasil (1998) baseado na obra de Lima Barreto - “ O triste Fim de Policarpo Quaresma” - e o outro filme “V de Vingança” (2006), baseado na literatura gráfica do escritor Alan Moore com os desenhos de David Lloyd.

Tanto o primeiro quanto o segundo filme são adaptações cinematográficas, sendo outro critério da escolha, pois foi disponibilizado para os acadêmicos a leitura do livro e a revista em quadrinho. Desse modo, foi permitido aos alunos fazer “comparações e diferenças” da história para o cinema. Esse exercício permitiu, que as linguagens cinematográficas bem como os valores axiológicos contidos nos filmes fossem identificadas. Por valores axiológicos Viana (2005), considera o padrão dominante de valores emanado da burguesia sendo assim são esses padrões que sobrepõem aos demais.

(...) A classe dominante produz seus próprios valores, assim como as demais classes sociais. Estes valores determinam o que é considerado “belo”, “bom”, “importante” etc. E, nessa sociedade, a classe dominante impõem seus valores e determina o que a maioria das pessoas considera “certo”, “belo”, “bom”, etc.. Ela cria um conjunto de valores (tal como a riqueza o poder, o indivíduo etc.) e este se torna o padrão dominante de uma determinada

sociedade, os valores dominantes são os valores da classe dominante. Isto não quer dizer que não existem, mas são, tanto nos indivíduos quanto no conjunto das sociedades marginais. (VIANA 2005, p.43)

A comparação entre as obras literárias e os filmes deixou clara a forte alteração sofrida das obras originais em decorrência da linguagem cinematográfica e dos valores axiológicos. Em que pese os autores, tem em comum a questão libertária e o anarquismo nos filmes que abordam tais questões permitindo interpretações nacionalistas, deturpando assim as mensagens contidas nas obras dos autores.

No que tange a obra cinematográfica, tem-se outra linguagem, aquela que vai provocar alterações, mudança de concepções na história representada nos filmes mostrando a importância dos valores axiológicos que ajudam a encobrir a mensagem original, criando outra conveniente com os valores da classe dominante.

O filme “Policarpo Quaresma: Herói do Brasil”, já tem em seu título uma mostra da livre adaptação e a intensão em relação a obra original de Lima Barreto. Apresentando esse como um patriota a procura das raízes verdadeiras do nacionalismo brasileiro.

Policarpo Quaresma, vestido com adereços indígenas, tentava mostrar a importância da língua e dos costumes indígenas e que esses deveriam ser oficializados pelo Estado Nacional brasileiro. Esse funcionário público e profundo estudioso das riquezas do Brasil, trava uma luta incessante para provar o valor do Brasil.

No livro, Lima Barreto usa a ironia para criticar o nacionalismo, seu personagem é um Dom Quixote abrazeirado que luta contra tudo e todos até as formigas saúvas para mostrar a importância do Brasil.



Fonte: capa do livro de Lima Barreto (1ª edição – 1911)

No entanto, no filme tem-se a comédia e a busca do nacionalismo e o seu amor a pátria como mote principal. Vale ressaltar o interessante debate logo após o filme. Os alunos do quarto ano de Geografia identificaram “ele” como um verdadeiro patriota; vítima dos governantes que buscam seus próprios interesses e não as necessidades da nação.

O contexto da obra de Lima Barreto, esse como crítico ferrenho do nacionalismo e patriotismo, deixa claro em sua obra os perigos e a loucura do nacionalismo, mas a linguagem cinematográfica presente no roteiro de Alcione Araújo coloca à distância essa mensagem.



Fonte: Cenas do filme “Policarpo Quaresma, o herói do Brasil” (1998)

Posteriormente ao debate sobre o livro, ainda suscitou afirmações por parte de alguns alunos: Policarpo seria ou não um herói mal compreendido e que o livro também era uma obra de exaltação nacionalista. Percebemos nesse momento que a mensagem do filme e os valores que esse apresenta foram de encontro aos sentimentos e valores de muitos alunos que defendiam o nacionalismo (de forma consciente ou não), mesmo após apresentar fatos como crônicas do autor em uma dissertação de mestrado mostrando as concepções políticas de Lima Barreto.

Para Viana (2012) o filme e sua “interpretação mais pura”, parte de uma determinada perspectiva, que pressupõem valores, sentimentos, concepções etc. Nessa perspectiva o debate do filme e do livro, leva a evidências dessas concepções. Na prática curricular de curso desenvolvida com os alunos do quarto ano do curso de geografia, percebeu-se que nas respostas dadas havia valores pré-existentes que, a posteriori da prática de análise fílmica e posterior aos debates levaram a colocações e reflexões mais aguçadas sobre o olhar que se tem a respeito de determinado filme, sem nos atentarmos para esses fatos.

(...). As dificuldades oriundas do intérprete advêm de sua mentalidade, sua formação cultural etc. Se o interprete parte de uma perspectiva conservadora (burguesa, burocrática), então o seu processo de interpretação estará comprometido. Se o interprete parte de uma perspectiva crítico-revolucionária (proletariado), então poderá atingir uma interpretação correta da realidade. É claro que a diferenciação em caso de indivíduos concretos, com maior ou menor erudição etc., tal como colocamos anteriormente. Porém, um interprete conservador pode, no entanto, interpretar corretamente ou se aproximar disso, dependendo do filme. Se o filme for conservador e/ou superficial, então facilitará a interpretação neste caso, pois a superficialidade e o conservadorismo é o processo comum da vida cotidiana na sociedade capitalista e convergente entre equipe de produção/filme e intérprete. (VIANA 2012 págs. 50-51)

Nessa perspectiva, a metodologia de análise de um filme passa pela tomada de posição em relação as lutas de classe presente no seio da sociedade. A escolha de determinado filme demonstram claramente a posição que o professor estabelece e a delimitação territorial filosófica a que pertence no interior desse embate.

O segundo filme escolhido foi **V de Vingança (2006)**, uma produção hollywoodiana tendo como roteiristas os irmãos Andy e Lana Wachowski (os mesmos responsáveis pela trilogia Matrix (uma das mais bem sucedidas da história do cinema). Baseado na História em Quadrinhos do anarquista Alan Moore, entre os anos de 1982 e 1983 publicado pela editora britânica Warrior, posteriormente comprada pela Vertigo,

por sua vez comprada pela editora norte americana DC Comics, finalmente, uma das maiores do mundo.



O autor Alan Moore, escolhe o personagem V, um terrorista sem rosto, ou com o rosto do terrorismo, já que esse usa uma máscara de um terrorista católico que não aceitava a conversão do rei ao protestantismo.

Guy Fawkes foi um conspirador que pretendia restaurar o poder da Igreja Católica na Inglaterra, no ano de 1605. Ele fazia parte de um grupo que queria matar o rei protestante Jaime I e todos os parlamentares ingleses explodindo o parlamento britânico.

Na produção do filme de 2006, várias alterações foram feitas para adaptar os valores axiológicos da indústria Hollywoodiana ao roteiro do filme. A linguagem cinematográfica, torna o filme um romance entre a figura desfigurada do terrorista V e da protagonista Evey que se apaixona da mesma forma que V.

O romance é sempre um atenuante em histórias produzidas pela indústria cinematográfica Hollywoodiana. Essa característica fica evidente em cenas de ternura. Em comparação com o HQ, que mostra uma relação de solidariedade em um processo revolucionário.



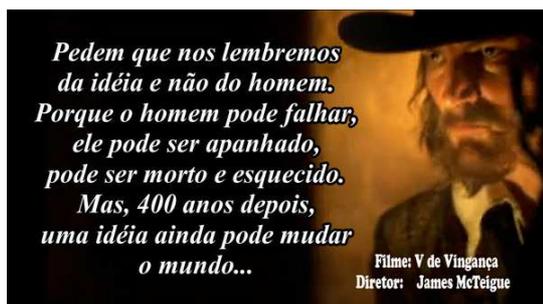
Fonte: Cena do filme “V de Vingança (2006)

No filme a imagem do terrorista é marcada pelo sofrimento que esse foi sujeito, sendo assim busca uma vingança contra aqueles que o torturaram, por outro lado, no HQ busca é a destruição do Estado. No filme o governo é que deve ser atingido já que foram os seus membros que produziram as mazelas da qual Evey e V como tantos outros personagens foram vítimas.

Embora a história do filme tenha um terrorista como protagonista e o governo totalitário que precisa ser destruído, se levarmos em consideração que esse filme é lançado em 2006, três anos após a invasão norte americana no Iraque, com o pretexto de derrubar um regime ditatorial além de ameaçar com armas de destruição em massa o mundo (armas que nunca foram encontradas) nos adem questionamentos e possíveis contradições (será?).

Outra observação importante, se dá pelo fato de que o filme enfoca a perseguição de homossexuais e negros pelo governo autoritário. Fato esse que também tem servido de argumentos na Europa e nos EUA, em relação aos imigrantes islâmicos (islamofóbismo) nas quais organizações homossexuais juntam-se aos discursos de xenofobia contra esses imigrantes. São demonstrações explícitas que podem explicar o motivo para a produção de um filme com um terrorista como protagonista ser realizado em território estadunidense.

O final do filme mostra claramente a aclamação do herói pela população, assumindo a máscara e morrendo como se fosse um Batman ou qualquer super. Herói. No quadrinho V não tem poderes, mas sim usa a oratória e o estudo da realidade como elementos essenciais para divulgar suas ideias. Isso que realmente importa, parte que é obscurecida pela cena de V matando o chefe da polícia secreta do governo britânico.



O filme foi assistido depois da leitura do HQ pelos alunos do quarto ano do curso de geografia. Os debates sobre a leitura do HQ levaram alguns alunos a questionarem a si mesmos em relação ao que achavam que era o terrorismo.

Perceberam que a leitura de autores como Losurdo (2010) Chomsky (2004) em relação ao terrorismo e ao imperialismo norte americano levou a compreensão que o Estado também pode ser considerado um elemento terrorista, aliás, o primeiro segundo a etimologia da palavra.

A comparação foi constante entre filme e obra literária. No entanto, os alunos pontuaram que a mudança em relação ao que desencadeou o governo autoritário no HQ foi fruto da guerra fria e da invasão da Europa Oriental pelos Russos e a decorrência dessa guerra como os EUA, algo marcante na geração dos anos de 1980.

No filme foi um atentado promovido por um partido político com apoio de uma corporação de remédios. Outro fato relatado pelos alunos foi o papel da mídia. Eles perceberam por meio de vários exemplos que a manipulação ocorre, é preciso analisar além das aparências. Essas reflexões originaram roteiros interpretativos para serem utilizados no ensino básico, a seguir.

RESULTADOS ALCANÇADOS: PRODUÇÃO DE ROTEIROS INTERPRETATIVOS

Para Pontuscka, Paganelli, Cacete (2007), as questões dos filmes devem estar presentes nos currículos das escolas superiores bem como nas escolas do ensino básico, pois somente assim será possível desenvolver uma concepção crítica, bem como reconhecer a importância da interpretação da linguagem cinematográfica.

O cinema, como meio de comunicação de massa, mantém forte relação com o universo da oralidade e também se apresenta de forma contraditória. O culto as imagens, característicos da sociedade ocidental, tende a apresentá-las como autossuficientes, distanciando-as do mundo real. Por conseguinte, tanto é possível construí-las para superar a objetividade do cotidiano como inserir-nos apenas no mundo de representações, muitas vezes sem significado, removendo a existência e até mesmo impedindo a análise das relações sociais do contexto espacial. (PONSTUSKA, PAGANELLI, CACETE, 2007, p.283)

A exibição de um filme como elemento pedagógico deve ser feita através da aplicação de um roteiro interpretativo, que pretende evidenciar cenas e também levar as reflexões sobre temas propostos, nas aulas de Geografia, as turmas que serviram para aplicação desses roteiros são do terceiro ano do Ensino Médio, de duas escolas em Anápolis. Segue os roteiros interpretativos feitos por dois alunos em relação aos filmes citados.

No filme Policarpo Quaresma: Herói do Brasil, foi utilizado para debater o nacionalismo e a questão agrária. No filme essa é abordagem principal que mostra o sonho de ir para o campo de Quaresma, iludido com o discurso ufanista que no Brasil nossas terras em se plantando tudo se dá.

Enfim, a prática curricular de curso se pauta pela busca em confrontar e equiparar conteúdos acadêmicos relacionados a Geografia Escolar do Ensino Fundamental e médio. A PCC corrobora para que os alunos das licenciaturas possam “vivenciar” em tempo as formas de ministrar conteúdos com aplicação de diferentes formas metodológicas.

O filme, nesse contexto, se apresenta como instrumento de ministração de conteúdo, reflexão e aplicação teórica de rica importância e profundidade. Todas as etapas da prática de curso devem ser cuidadosamente planejadas não deixando espaços para improvisos ou manifestações do acaso. Os alunos, por sua vez, devem ver na PCC do professor na academia seu “modelo” numa escala reduzida de como fazer, saber fazer e saber ser na prática pedagógica no ensino de geografia seja em que nível for.

FICHA TÉCNICA E ANÁLISE CRÍTICA DE OBRA CINEMATOGRAFICA

I – IDENTIFICAÇÃO	
Título Original:	Policarpo Quaresma: Herói do Brasil
Versão em Português:	Idem
Ano:	1998
Gênero:	Comédia

Duração	128 minutos
Diretor:	Paulo Thiago
Roteiro	Alcione Araújo
Elenco	Antônio Calloni, Bete Coelho, Giulia Gam, Ilya São Paulo, Luciana Braga, Paulo José, Tônico Pereira

II – SINOPSE

Policarpo Quaresma (Paulo José) é um sonhador. Ele ama o país acima de tudo e luta para valorizar tudo o que é brasileiro. Com apoio da afilhada Olga (Giulia Gam) e Ricardo Coração dos Outros (Ilya São Paulo) ele adota hábitos nacionalistas e até indígenas: vai ao trabalho de cocar e escreve documentos em Tupi-guarani. Num acesso de raiva ataca o seu chefe com um tacape. Policarpo é internado em um hospício, porém desafia as normas e condutas em vigor, provando que a noção de loucura é relativa. Viaja em seguida para o interior dedicando-se a agricultura, aplicando seus métodos e filosofia, causando grandes confusões. Uma notícia de jornal faz retornar à cidade para lutar ao lado do presidente Floriano Peixoto, que está implantando a República.

III – OBSERVAÇÕES PERTINENTES

*Busque analisar temas como:

Nacionalismo

Estado

Massa de manobra

Questão Agrária

ROTEIRO DE ATIVIDADES

- em que cenas do filme é mostrado que estudar demais provoca a loucura?
- quais foram os problemas encontrados por Policarpo no meio rural e qual a semelhança com os problemas atuais do campo?;
- Baseado no Resumo do livro quais são as diferenças com o filme?
 - Qual o papel do Estado e das classes dominantes no filme? Relacionando com o texto sobre a reforma agrária.
 - No livro como morre Policarpo e qual a diferença em relação ao filme

FICHA TÉCNICA E ANÁLISE CRÍTICA DE OBRA CINEMATOGRAFICA

I – IDENTIFICAÇÃO

Título Original:	V for Vendeta
Versão em Português:	V de Vingança
Ano:	2006
Duração	130 minutos
Gênero:	Ação, drama político aventura, ficção científica
Diretor:	James McTeigue
Roteiro	Andy e Lana Wachowski

II – SINOPSE

Em uma Inglaterra do futuro, onde está em vigor um regime totalitário, vive Evey Hammond (Natalie Portman). Ela é salva de uma situação de vida ou morte por um homem mascarado, conhecido apenas pelo codinome V (Hugo Weaving), que é extremamente carismático e habilidoso na arte do combate e da destruição. Ao convocar seus compatriotas a se rebelar contra a tirania e a opressão do governo inglês, V provoca uma verdadeira revolução. Enquanto Evey tenta saber mais sobre o passado de V, ela termina por descobrir quem é e seu papel no plano de seu salvador para trazer liberdade e justiça ao país.

III – OBSERVAÇÕES PERTINENTE

*Busque analisar temas como:

- a) As ideias de terrorismo presente no filme;
- b) A utilização da mídia pelo Estado;
- c) Qual o papel das Indústrias Farmacêuticas na formação do Regime Totalitário;
- d) Qual o contexto que o filme retrata;

ROTEIRO DE ATIVIDADES

- 1) Que regime político foi adotado pelo Chanceler e explique as semelhanças dele com a figura de Hitler.
- 2) Explique quais eram os ideais de V.
- 3) “O regime social fascista era apoiado pelo grande capital. Tal apoio tinha várias razões, dentre as quais podemos destacar a ameaça de expansão do regime socialista. Da mesma forma, o Estado ditatorial inglês relatado no filme também tinha apoio do grande capital. Por trás da formação daquele regime estavam interesses econômicos, em particular os da indústria farmacêutica. Ou seja, a ideologia estatal acabava por esconder por trás de si o interesse do grande capital.” Elabore um texto final, comentando os principais aspectos do filme (na sua opinião) e levando em consideração o texto acima.
- 4) “Não são as pessoas que deviam temer os seus governos, e sim os governos que deviam temer suas pessoas”. Com base nessa fala, responda:
 - a) A qual personagem pertence essa fala?

- b) Procure algum país que atravessasse por algum tipo de problema retratado na fala. Explique a situação do mesmo.
c) Você concorda com esta fala? Justifique sua resposta.

5) V, por exemplo, na visão do chanceler, era um terrorista, um agitador, uma pessoa que não aceitava se submeter à ordem imposta pelo Estado. V era uma ameaça, um mal a ser neutralizado por se opor ao bem representado pelo Estado.

a) V e Osama Bin Laden podem ser considerados iguais? Justifique sua resposta.

b) O filme foi duramente criticado pela mídia (principalmente a estadunidense), pois ele “incentiva” o Terrorismo. Você concorda com esse argumento? Explique sua resposta.

6) “A ofensiva contra o inimigo comum era realizada principalmente através de uma mídia inteiramente controlada pelo partido conservador, que estava no poder. A liberdade de expressão, de informação e de imprensa, considerados como direitos fundamentais em diversos países do mundo atualmente, estavam muito distantes da realidade inglesa.” Ideia extraída do filme V de vingança.

“Que tipo de instrumento é a televisão? Não é um instrumento tecnológico como a enxada ou uma caneta. Trata-se de uma mercadoria especial carregada de ideologia, diferente, por exemplo, de um automóvel. A televisão aqui representa a ocupação estadunidense. Tanto faz o canal, Globo, Record, Cultura etc. O controle é feito pelas empresas multinacionais”. Gilberto Vasconcellos

Faça um paralelo entre os dois textos, comentando o poder da mídia sobre criar, consolidar e/ou substituir ideologias na população, e relacionando ainda com a trama do filme.

Esses roteiros foram feitos pelos alunos do quarto ano do curso de Geografia e a aplicados nas escolas do ensino médio de Anápolis com o intuito de mostrar a importância do cinema nas aulas de Geografia.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégia dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CHOMSKY, Noam. *A política externa dos Estados Unidos da Segunda Guerra Mundial a 2002*. São Paulo: Cartilha 14 Movimento Consulta Popular, 2005.

DUARTE, Regina. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

- HARVEY, D. *O Novo Imperialismo*. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- MOORE, Michel. *Cara, cadê o meu país?* Trad. Wagner Carelli e outros. São Paulo: Francis, 2004.
- RAI, Milan. *Iraque plano de Guerra*. Trad. Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- SANTANA, G. O filme contextualizado: diálogos entre sociologia e cinema. In: *RUA: Revista Universitária do Audiovisual*, UFSCar, nº 52, set/2012.
- SORLIN, P. *Sociologia del cine*. México: Fondo de Cultura, 1985.
- SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TURNER, G. *Cinema como Prática Social*. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.
- VANOYE, Francis. GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a Análise Fílmica. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994.
- VIANA, N. *A concepção materialista da história do cinema*. Porto Alegre: Asterisco, 2009.
- _____. *Cinema e Mensagem: análise e assimilação*. Porto Alegre: asterisco, 2012.
- _____. *Como assistir um filme?* 1ª ed. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.
- _____. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru: EDUSC, 2008.
- _____. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.